

Roberval Teixeira e Silva
(org.)

**CONTEXTOS DE FORMAÇÃO
DE NOVAS GERAÇÕES DE FALANTES
DE PORTUGUÊS NO MUNDO**



Edições Colibri

ÍNDICE

Apresentação

Roberval Teixeira e Silva – Universidade de Macau, China..... 9

Prefácio

Ataliba de Castilho – Universidade de São Paulo / Universidade Estadual de Campinas, Brasil13

Capítulo I

As Línguas no plural

Eni Puccinelli Orlandi – Universidade do Vale do Sapucaí / Universidade Estadual de Campinas, Brasil.....21

Capítulo II

Silêncio e interculturalidade:

interações em salas de aula de português em Macau, China

Roberval Teixeira e Silva – Universidade de Macau, China.....31

Capítulo III

Português como língua de acolhimento – o papel da consciência linguística na formação de novos públicos

Maria Helena Ançã – Universidade de Aveiro, Portugal63

Capítulo IV

Competências múltiplas das novas gerações de falantes de português em Moçambique: desafios para a teoria e para a planificação linguística

Perpétua Gonçalves – Universidade Eduardo Mondlane,
Moçambique89

Capítulo V

Reflexões sobre manuais de iniciação em português para chineses

Xu Yixing – Universidade de Estudos Internacionais de Xangai-
-SISU, China 105

Capítulo VI

Discursos e representações em manuais escolares do Brasil e de países africanos de língua portuguesa

Aracy Alves Martins – Universidade Federal de Minas Gerais
CEALE, Brasil..... 119

Capítulo VII

Migração boliviana, identidades e inclusão social em São Paulo, Brasil

Rubens Lacerda de Sá – Universidade de Brasília, Brasil Kleber
Aparecido da Silva – Universidade de Brasília, Brasil..... 145

Capítulo VIII

Letramentos multihipermediáticos: complexificação do objeto grafocêntrico

Inês Signorini – Universidade Estadual de Campinas, Brasil 167

Capítulo IX

Linguagem e poder simbólico: a língua portuguesa, o comunitarismo literário-cultural e a nova repactualização política

Benjamin Abdala Junior – Universidade de São Paulo, Brasil 185

Capítulo X

A aprendizagem do Outro: a aula de literatura como tempo de reinvenção do diálogo intercultural

Inocência Mata – Universidade de Lisboa, Portugal205

Capítulo XI

Literatura caboverdiana em língua portuguesa como base de processos identitários no arquipélago e na diáspora

Simone Caputo Gomes – Universidade de São Paulo, Brasil219

Capítulo XII

Transmissão e mudança linguística: algumas considerações sobre o português do Brasil no início do século XXI

Mário A. Perini – Universidade Federal de Minas Gerais e CNPq, Brasil243

Capítulo XIII

Três gramáticas de referência para os estudos do português

Claudio Cezar Henriques – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil255

Posfácio

Maria Antónia Espadinha – Universidade de São José Macau, China265

APRESENTAÇÃO

ROBERVAL TEIXEIRA E SILVA¹

Em tempos em que a língua portuguesa ganha cada vez mais espaço no mundo, precisam de ser desenvolvidas reflexões i) sobre como é posicionada em diferentes ambientes sociolinguísticos e ii) sobre como se posicionam os sujeitos que se constroem nela. Esta publicação se propõe a considerar estes novos aspectos que constituem diferentes e novos contextos de língua portuguesa no mundo em perspectivas teóricas e analíticas.

A concepção do volume é a de trazer contribuições de diferentes profissionais que atuam em áreas multidisciplinares de estudo do português para pensar o vigor dessa língua no mundo contemporâneo que, cada vez mais, se reconfigura, deslocando os seus eixos sociopolíticos para outros espaços como a Ásia e países emergentes como os do BRICS. Nesse contexto, a língua portuguesa também se reconfigura e reconfigura o mundo.

O tema confluyente escolhido – **novas gerações de falantes de português no mundo** – adotou a perspectiva de que a língua portuguesa deve ser compreendida como pluricêntrica, transnacional e como uma matriz catalisadora crucial na constituição política, social, cultural e identitária de muitos sujeitos e comunidades que a aprendem e estudam – e que precisam aprendê-la e estudá-la – como língua primeira, segunda, estrangeira, de herança, de acolhimento... tanto em países e regiões que a têm como língua oficial quanto nos que não a têm.

¹ Professor e Pesquisador do Departamento de Português da Universidade de Macau, China.

UNESCO CHAIR “Políticas Linguísticas para o Multilinguismo”.

Por aproximar estudiosos dos quatro cantos do planeta onde o português se faz presente, na publicação fica sublinhada a assumpção das diferenças: as diferentes culturas, os diferentes sotaques, os diferentes falares, as diferentes normas das diferentes línguas portuguesas. Isto que chamamos de Português, como língua de cultura de muitos países e regiões, nessa época de pós/neocolonialismos, é tratado com as suas marcas locais, históricas, ideológicas, formais... Dessa maneira, propomos discutir aqui **contextos de formação de novas gerações de falantes de português no mundo em perspectiva política, história, linguística e literária.**

Sob a ótica da superdiversidade e da globalização, linguagens são consideradas na epistemologia ativada pelo prefixo “trans”: vivemos relações transidiomáticas, construímos e experimentamos transcontextos em transambientes que hibridizam e mesclam canais, meios, instrumentos, plataformas e sujeitos. É assim que uma língua e o saber falar uma língua passam a ser construtos redescobertos em outras nuances e ganham, então, contornos não limitados aos causativos e consequenciais.

O que chamamos de língua portuguesa passa a ser algo visto com um prisma que, contemporaneamente, revela a sua natureza processual: uma contínua invenção sem fronteiras fixas ou sujeitos e geografias definíveis. Esta forma de ver línguas e linguagens desestabiliza conceitos que perpassam muitas abordagens teóricas fundadoras da linguística, da sociologia, da antropologia dos séculos passados (e deste) ou a ela afiliadas. Se por um lado é confortável entender línguas como entidades delimitadas e delimitáveis, regidas pela ordem, pela tradição, pela unidade, pela segurança, é na desordem, na multifiliação, na pluralidade que as linguagens são reconhecíveis como criadoras e criações dos sujeitos.

Lidar com a primeira visão é confortável, mas simplificador. Lidar com a segunda é desconfortável, porém propulsor de reflexões sobre o “estar no mundo”... É esta segunda visão que propusemos assumir e vivenciar neste volume.

Apesar da nossa perspectiva, esta(s) língua(s) portuguesa(s) precisa(m) se concretizar de alguma forma porque criamos uma instituição chamada escola que tem legitimado, para o bem e para o mal, os sujeitos que nela são formados. No ambiente pedagógico, então, há algo que vai ser ensinado, que é chamado de língua e que tem impactos políticos,

sociais, culturais, ideológicos diferentes em contextos diversificados. Criou-se, dessa forma, o que foi conceituado como “língua padrão”; esta, sim, uma língua delimitada, fixa, institucionalizada, com funções sociais definidas e um status de poder muitas vezes predatório frente aos diferentes falares que produzem as realidades linguísticas plurais que inventam os nossos mundos.

Nesse sentido, é necessário discutir as condições contextuais do ensino dessa língua padrão. E, nessa discussão, o ponto fundamental é o de orientar este ensino pela ideia de que, ao lado de uma língua escolhida como padrão, há muitas outras também legítimas que precisam de ser referenciadas porque constituem a diversidade de realidades que criamos continuamente. As línguas – em interação com outras linguagens – são processos semiológicos que se concretizam nas bocas, nas mãos, nos corpos, nos sons... e é nesta concretização, multifacetada e humana, que emergem e se impõem as questões que buscamos discutir aqui.